

A Assimetria Estratégica

Steven Metz

ASSIMETRIA estratégica usa métodos não convencionais para obter a vantagem sobre um adversário. Muitos dos grandes generais da história tinham um instinto para isso. Assim como o militar estadunidense durante a Guerra do Golfo, os mongóis sob Genghis Khan e seus sucessores muitas vezes usavam de mobilidade superior, velocidade operacional, inteligência, sincronização, treinamento e moral para esmagar os inimigos em campanhas-relâmpago. Quando necessário, os mongóis usavam da engenharia superior chinesa para o sucesso dos cercos. Outros conquistadores, tais como os romanos, europeus, aztecas e zulus, trouxeram tecnologia, disciplina, treinamento e liderança superior ao campo de batalha. Rebeldes em guerras anticoloniais também dependiam da assimetria por meio da organização de guerrilhas, da guerra a longo prazo, da guerra política e por estarem dispostos a se sacrificarem como na Guerra Popular de Mao Tse-Tung, na Intifada e nos problemas da Irlanda do Norte.

Durante toda a Guerra Fria, a assimetria era importante para o pensamento estratégico dos EUA mas não lhe foi emprestado tal mérito. Equilibrar as vantagens quantitativas soviéticas na Europa com a superioridade qualitativa dos EUA e da OTAN era indispensável à estratégia dos EUA. Outros conceitos como a Retaliação Maciça dos anos 50 ou a estratégia marítima dos anos 80 conduziram a assimetria a um plano ainda mais elevado.¹ Na década de 90, o Departamento de Defesa dos EUA começou a reconhecer o potencial das ameaças assimétricas para o país. Era parte de uma maior conscientização do Departamento de Defesa relativa ao ambiente de segurança do pós-Guerra Fria. Sendo assimétrica a distribuição do poder global, era natural que as estratégias assimétricas fossem evoluir.

A menção explícita de assimetria primeiro apareceu na Publicação Conjunta 1 de 1995 (*1995 Joint Publication*

1), do *Joint Warfare of the Armed Forces of the United States* (Guerra Conjunta das Forças Armadas dos EUA), mas o conceito foi usado de forma limitada e simplista.² A doutrina definia engajamentos assimétricos como sendo aqueles entre forças dissimilares, especificamente ar versus terra, ar versus mar e assim por diante.³ Este conceito estreito da assimetria tinha utilidade limitada. A Estratégia Militar Nacional de 1995 abordou o assunto de forma mais ampla, incluindo o terrorismo e usando, ou ameaçando usar, armas de destruição em massa e a guerra de informações como desafios assimétricos. Em 1997, as ameaças assimétricas começaram a receber maior atenção. A Revisão Quadrienal da Defesa (*Quadrennial Defense Review*) declarou que, “O domínio dos EUA na arena militar convencional pode encorajar adversários a usarem meios assimétricos para atacar as nossas forças e interesses no além-mar e cidadãos americanos em casa.”⁴

O Painel de Defesa Nacional (*National Defense Panel — NDP*), um grupo senior designado pelo Congresso para avaliar assuntos de defesa dos EUA a longo prazo, foi até mais explícito. O painel relatou: “Podemos supor que nossos inimigos e futuros adversários têm aprendido desde a Guerra do Golfo. É pouco provável que nos enfrentem de forma convencional com formações blindadas maciças, forças de superioridade aérea ou frotas navais (águas profundas) próprias, todas áreas de grande superioridade estadunidense hoje em dia. Ao invés disso, poderão encontrar novas formas de atacarem os nossos interesses, as nossas forças e os nossos cidadãos. Procurarão meios de equilibrar suas forças contra as nossas fraquezas.”⁵

O *NDP* mencionou especificamente o perigo de baixas estadunidenses maciças causadas por armas inimigas de destruição em massa para atrasar ou interferir no acesso dos EUA a uma região, causando baixas, atacando

os sistemas de informação eletrônicos e computadorizados dos EUA, usando minas e mísseis ao longo de estreitos e litorais e empregando o terrorismo.

A comunidade de inteligência e o Estado-Maior Conjunto reagiram às conclusões do painel e seguiu-se uma grande atividade para desvendar o significado e as implicações da assimetria estratégica.⁶ O único estudo mais importante foi a Revisão da Estratégia Conjunta de 1999 (*1999 Joint Strategy Review*), *Abordagens Assimétricas à Guerra (Asymmetric Approaches to Warfare)*, que proporcionou uma base conceitual e um número de recomendações. A Visão Conjunta 2010 (*Joint Vision 2010*), um documento de 1995 preparado pelo Chefe da Junta de Chefes de Estado-Maior, com o propósito de proporcionar o conceito para futuras implicações nas Forças

Esta mais atualizada definição oficial de assimetria expandiu o pensamento oficial mas apresenta duas desvantagens: é específica com relação ao atual ambiente estratégico e à situação de segurança nos EUA e principalmente lida com o que um oponente possa fazer contra os EUA em vez de enfatizar como os militares dos EUA podem usar a assimetria contra os seus oponentes.

Armadas dos EUA, não fez menção da assimetria. No entanto, a Visão Conjunta 2020 (*Joint Vision 2020*), documento que se seguiu e foi apresentado em 2000, categorizou abordagens assimétricas como sendo “talvez o mais sério perigo encarado pelos EUA em um futuro imediato.”⁷ Por último, a Revisão Anual do Secretário de Defesa para o Congresso em 1998 e 1999, observou que o domínio militar convencional norte-americano tem encorajado os adversários a buscarem meios assimétricos de atacarem forças militares, interesses e cidadãos dos EUA. A revisão anual de 2000, enquanto mantinha a definição usada em revisões anteriores de ameaças assimétricas, deixou de usar o termo “assimetria.”

A menção do termo assimetria em documentos oficiais sobre estratégia indica que o conceito tende a se tornar ainda mais significativo. Porém, a estratégia e a doutrina para lidar com ameaças assimétricas e salientar capacidades assimétricas estadunidenses requerem maior rigor conceitual.

Definição e o Fundamento Conceitual

O raciocínio claro começa com definições simples, compreensivas e compartilhadas. A Revisão da Estratégia Conjunta de 1999 proporcionou um tratamento oficial mais amplo da assimetria: “Abordagens assimétricas são tentativas de iludir ou minar forças dos EUA enquanto exploram suas fraquezas usando métodos que diferem muito do método operacional estadunidense... geralmente buscam um impacto psicológico maior, tal como o choque ou a confusão, que afete a iniciativa, a liberdade de ação ou a força de vontade do oponente. Métodos assimétricos exigem uma apreciação das vulnerabilidades do oponente. Abordagens assimétricas muitas vezes empregam táticas novas ou não tradicionais, assim como armas ou tecnologias, e podem ser aplicadas a todos os níveis de guerra — estratégico, operacional e tático — e por todo o espectro das operações militares.”⁸ Esta mais atualizada definição oficial de assimetria expandiu o pensamento oficial mas apresenta duas desvantagens: é específica com relação ao atual ambiente estratégico e à situação de segurança nos EUA e principalmente lida com o que um oponente possa fazer contra os EUA em vez de enfatizar como os militares dos EUA podem usar a assimetria contra os seus oponentes.

Uma definição mais completa e generalizada de assimetria estratégica seria: Em assuntos militares e na segurança nacional, assimetria significa agir, organizar e pensar de forma diferente do oponente para maximizar o poder relativo, explorar as suas fraquezas ou ganhar maior liberdade de ação. Pode ser político-estratégica, militar-estratégica, operacional ou uma combinação e pode impor o uso de métodos, tecnologias, valores, organizações ou perspectivas de tempo diferentes. Pode ser de curto ou longo prazos, intencional ou à revelia. Pode também ser distinta ou implementada em conjunto com abordagens simétricas e ter as dimensões psicológica e física. Enquanto a questão principal é que existem diferenças significativas, há vários elementos desta definição que justificam uma elaboração.

Dimensões da assimetria. A assimetria estratégica pode ser positiva ou negativa. A assimetria positiva usa diferenças para obter uma vantagem. A estratégia militar dos EUA dá grande valor ao adestramento superior, à liderança e à tecnologia para manter e explorar a superioridade. A assimetria negativa envolve uma ameaça inimiga às nossas vulnerabilidades. Com respeito à assimetria, o ponto de vista do Departamento de Defesa enfoca mais a sua forma negativa.

Com respeito à assimetria estratégica de curto ou longo prazos, a história militar indica que, cedo ou tarde, o inimigo se ajusta a muitos tipos de assimetria estratégica de curto prazo. Durante a II GM, por exemplo, a guer-



Um helicóptero SH-60F carregando um "Pato rígido" (Rigid Duck), embarcação de assalto, como carga externa. Os Black Hawks podem ser configurados para a evacuação médica, guerra anti-submarina, assaltos aeromóveis, operações especiais e outras ações.

ra-relâmpago alemã (*blitzkrieg*) funcionou durante um ou dois anos até que os soviéticos encontraram uma forma de reagir. Demorou mais do que isso, mas governos do terceiro mundo e seus militares eventualmente encontraram maneiras de combater a Guerra Popular de Mao Tse-Tung. A campanha aérea de 1999 contra a Sérvia sugeriu que inimigos podem encontrar formas de combater as vantagens do poder aéreo estadunidense por meio da camuflagem, dispersão e densos, se bem que pouco sofisticados, sistemas de defesa aérea. A assimetria a longo prazo é mais rara. Os Estados Unidos provavelmente irão manter sua vantagem assimétrica contra certos tipos de inimigos durante um bom tempo, principalmente destinando mais recursos para manter sua superioridade militar. Porém, manter uma vantagem assimétrica requer um esforço constante: qualquer força militar que não se adapte às mudanças estratégicas sofrerá perda na sua eficiência.

A assimetria estratégica pode ser intencional ou à revelia. Estrategistas dos EUA pensam ativamente sobre a assimetria e como melhor usá-la ou controlá-la. Normalmente, antagonistas em um conflito simplesmente usam o que têm e fazem o que sabem fazer. Um final assimétrico ocorre mais por acidente do que por planejamento. Por exemplo, uma força combinada francesa e indígena derrotou o general britânico Edward Braddock perto do Forte Duquesne em 1775, e um grupo de colonos montanhe-

ses derrotaram os legalistas, comandados pelo major Patrick Ferguson, na King's Mountain*, em 1780. Os indígenas e os montanhese foram vitoriosos porque lutaram como lhes era natural lutar, e não porque haviam analisado as fraquezas das forças legalistas mais convencionais e imaginaram meios de aproveitarem-se delas. Na maioria das insurreições ou das guerras anticoloniais, as forças menos modernas optaram por rivalizar com as mais modernas.

Mao Zedong acreditava que a guerra da guerrilha era raramente decisiva mas que deveria ser usada como um prefácio de uma guerra em grande escala.⁹ Afinal, não foram os vietcongues que causaram a queda do governo do Vietnã do Sul e sim uma força convencional de armas combinadas do Vietnã do Norte. Compreender quando a assimetria é intencional ou à revelia é importante já que um inimigo que usa a assimetria intencional provavelmente fará mais ajustes e exigirá uma contra-estratégia mais flexível.

A assimetria estratégica pode ser de baixo ou alto risco. Algumas formas de assimetria, tais como o adestramento ou a liderança superiores, são testadas pelo tempo. Podem custar muito para desenvolver e manter, mas quase nunca

*A batalha em King's Mountain (Montanha do Rei), em Charlotte, Carolina do Norte, cooperou para por fim à Guerra Revolucionária Americana com uma vitória americana surpreendente. — Nota da Editoria Brasileira

umentam o risco estratégico ou operacional. O alto custo de ter uma força de prontidão bem equipada e treinada reduz o risco mesmo não protegendo completamente contra todas as ações assimétricas como o ataque em Aden, no Iêmen. Em outro sentido o ataque foi uma ação de alto risco e baixo custo que pode ter tido consequências desproporcionais — a remoção da presença naval dos EUA de um porto-chave e possivelmente outras. Outras formas de assimetria são experimentais e muito arriscadas. O terrorismo, por exemplo, pode ser uma abordagem de alto risco e baixo custo porque pode ser contraproducente para quem o usa ou reforçar ao invés de enfraquecer a força de vontade do alvo. Assim como a maioria das mutações na natureza são defeituosas ou insignificantes, muitas variedades da assimetria estratégica são atos de desespero que não funcionam ou então, funcionam apenas temporariamente.

A assimetria estratégica pode ser distinta ou integra-

A assimetria pode ser material ou psicológica. Os dois conceitos são interrelacionados: uma vantagem material assimétrica muitas vezes gera vantagens psicológicas. No entanto, têm havido estados e forças militares por toda a história particularmente adeptos à manipulação da assimetria psicológica, muitas vezes por intermédio da propagação de uma imagem de ferocidade.

da a técnicas simétricas. Geralmente, somente os mais desesperados antagonistas dependeriam apenas de métodos assimétricos. Aqueles que são capazes integram métodos assimétricos e simétricos. O *Joint Vision 2020* observa que “nossos adversários podem utilizar uma combinação de assimetrias, ou os EUA podem encarar um número de adversários que, em combinação, criam uma ameaça assimétrica.”¹⁰ Normalmente, tais abordagens integradas são mais poderosas do que estratégias que dependem somente de métodos simétricos ou assimétricos.

Finalmente, a assimetria pode ser material ou psicológica. Os dois conceitos são interrelacionados: uma vantagem material assimétrica muitas vezes gera vantagens psicológicas. No entanto, têm havido estados e forças militares por toda a história particularmente adeptos à manipulação da assimetria psicológica, muitas vezes por

intermédio da propagação de uma imagem de ferocidade. Os mongóis, assírios, astecas e zulus são exemplos de grandes conquistadores que combinaram assimetria material e psicológica com eficiência. Sua imagem feroz aumentava as vantagens do treinamento, da liderança e da doutrina. Frequentemente, a assimetria psicológica custa menos que sua variante material, mas é mais difícil de se manter.

Níveis de assimetria. A forma mais comum da assimetria reside no nível operacional da guerra. Exemplos históricos incluem o uso em guerra de submarinos pelos alemães para contrabalançarem a vantagem britânica com navios de grande porte; operações urbanas para se oporem a uma força militar com mobilidade superior; fogos de longo alcance nas batalhas por Stalingrado ou Hue; ações de guerrilha na retaguarda inimiga como auxílio às operações convencionais; Operação *Bodyguard* (guarda-costas), o plano de dissimulação no nível operacional, para apoiar a invasão da Normandia; e as técnicas para impedir o acesso ou contra o desdobramento de forças usando mísseis, minas, terrorismo e outras armas. A assimetria militar-estratégica é uma estratégia militar integrada com base na assimetria em vez de usá-la como auxílio para métodos simétricos. Exemplos incluem a Guerra Popular de Mao Tse-Tung, o *blitzkrieg* e a Retaliação em Massa, conceito estratégico com base em que a agressão do Pacto de Varsóvia induziria um ataque nuclear dos EUA sobre o território soviético.

A assimetria político-estratégica está usando os meios não militares para obter a vantagem militar. Por exemplo, tentativas recentes de proibir formas de tecnologia militar, incluindo a guerra da informação, afetam os Estados Unidos mais do que a estados menos desenvolvidos. Similarmente, em um conflito um oponente pode obter uma vantagem se fazendo passar por vítima. Enquanto o Vietnã do Norte, até certo ponto, conseguiu a superioridade moral frente aos EUA, Slobodan Milosevic e Saddam Hussein falharam. De qualquer forma, a assimetria político-estratégica provavelmente se tornará cada vez mais importante à medida que a informação e a globalização tornam estados mais suscetíveis à pressão política externa.

Formas de assimetria. Pelo menos seis métodos de assimetria são relevantes no domínio da segurança nacional e na guerra. Métodos assimétricos envolvem o uso de diferentes conceitos operacionais ou doutrinas táticas do que as usadas pelo inimigo. Exemplos incluem a guerra de guerrilha e outros conceitos não lineares. Muitos dos conceitos operacionais que o Exército dos EUA pretende usar no futuro, tal como o envolvimento vertical profundo com forças protegidas e móveis (ao invés de assaltos aéreos ou lançamentos aeroterrestres usando infantaria a pé), abrangeriam a assimetria operacional.



Um guerrilheiro somali foge das tropas da 10ª Divisão de Montanha durante as operações na Somália.

Tecnologias assimétricas têm sido comuns na história militar, particularmente em guerras entre um estado industrialmente avançado contra um atrasado, tais como as guerras imperiais da Europa dos séculos XIX e XX. Os europeus usaram uma grande variedade de vantagens militares durante as guerras coloniais. Hillaire Belloc salientou a confiança europeia na assimetria tecnológica quando escreveu: “aconteça o que acontecer, temos o canhão *Maxim* e eles não têm.” O avanço tecnológico pode ser decisivo nos conflitos em que o oponente menos desenvolvido não consegue adaptar-se. As forças coloniais britânicas primeiro usaram o canhão *Maxim* durante a Campanha de Matabele, entre 1893-94. Nela, 50 soldados conseguiram se defender contra 5.000 guerreiros de Matabele com apenas quatro canhões *Maxim*. Porém, durante guerras prolongadas, inimigos inteligentes conseguem encontrar meios para combaterem a tecnologia assimétrica. O Vietnã é o exemplo mais claro.

Assimetrias de força de vontade são importantes quando um oponente percebe que sua sobrevivência ou interesses vitais estão em jogo e o outro está protegendo ou promovendo interesses menos vitais. Este tipo de assimetria teve um papel durante os conflitos no Vietnã, na Somália e no Iraque. Uma assimetria de força de vontade faz com que o oponente com mais a perder gaste mais, aceite maior risco e desenvolva ações que um oponente menos motivado talvez evite por motivos morais ou legais. Assimetrias de força de vontade são mais relevantes no nível da estratégia maior. Nos níveis operacional e tático, o equivalente a uma assimetria de força de vontade é uma assimetria de moral, o que pode ser crucial, até decisivo. Napoleão Bonaparte assegurava

que: “Em guerra o moral está para o material na proporção de três para um.” As assimetrias de força de vontade são associadas às assimetrias normativas entre antagonistas de diferentes padrões éticos ou legais. Os EUA encaram inimigos dispostos a usarem o terrorismo, a lavagem étnica e os escudos humanos. A longo prazo, tais ações podem ser contraproducentes quando alienam aliados em potencial, mas podem gerar os resultados desejados a curto prazo, particularmente incorporando uma assimetria de força de vontade.

Assimetrias de organização podem proporcionar grandes vantagens para equilibrar um estado que carece de outras. Exemplos disso incluem a falange macedônica, as formações de lanceiros suíços que dominavam os campos de batalha europeus durante a Renascença, a conscrição em massa que ajudou os revolucionários franceses a combaterem um número de exércitos europeus profissionais, o sistema de corpos independentes — mas de apoio mútuo — criados por Napoleão e os insurgentes de resistência subversiva. No futuro, militares de um estado poderão encarar inimigos não estatais organizados como redes em vez de hierarquias.¹¹

Finalmente, assimetrias de paciência ou de perspectivas de tempo podem ser significativas. São conceitualmente ligadas a uma assimetria de força de vontade mas operam, na maioria das vezes, em conflitos de cruzamentos culturais. Especificamente, uma assimetria de perspectiva de tempo pode ocorrer quando um oponente determinado entra em uma guerra e o oponente só tem a força de vontade para uma guerra curta. Os Estados Unidos preferem resolver um conflito armado rapidamente, em parte porque o apoio do público e

do Congresso por qualquer uso de força que não envolva os interesses vitais nacionais é limitado. Além disso, muitos dos sistemas e armas avançadas usadas pelos EUA, tais como bombas de precisão e mísseis, encontram-se em estoque limitado. Reabastecer exige reiniciar linhas de produção inativas.

Por causa dos compromissos estadunidenses referentes à segurança global, o envolvimento em um conflito demorado poderia encorajar inimigos a iniciarem agressões, acreditando que os recursos dos EUA são limitados. As vantagens de mobilidade estratégica dos EUA são equivalentes ao seu desejo por uma vitória rápida — o método operacional preferido. Conhecendo essa preferência e sabendo ou suspeitando de um estoque estadunidense limitado de armas de precisão, um adversário pode querer prolongar um conflito. Além de pôr pressão sobre a preferência por uma vitória rápida, se as armas se tornarem menos precisas, baixas colaterais irão aumentar e o inimigo poderá obter uma vantagem moral. Por outro lado, quanto mais curto um conflito que envolva o militar dos EUA, maior será a vantagem deste último. As assimetrias de paciência têm um componente cultural também. Os norte-americanos são instintivamente impacientes, preferindo resoluções rápidas para quaisquer problemas. Esta atitude contrastava com a paciência asiática e a disposição de permanecer em um conflito que durasse anos ou décadas. Enquanto grandes generalizações culturais são repletas de perigo, existe ao menos um mínimo de verdade nesta. Em algum lugar, é provável que as FA dos EUA tenham que enfrentar um inimigo que queira se aproveitar de uma assimetria de paciência.

Conceitos Estratégicos

Os conceitos operacionais que formam a base da Visão Conjunta 2020 — o domínio de todo o espectro derivado do domínio da manobra, do engajamento preciso, do foco na logística e da proteção em todas as dimensões — são desenhados para tirar proveito da assimetria positiva, mas são também importantes para combater a assimetria negativa. Porém, para melhor enfrentar os desafios assimétricos, as FA dos EUA devem adotar e desenvolver cinco conceitos estratégicos que têm base nos conceitos operacionais da visão conjunta.

Máxima adaptabilidade conceitual e organizacional. Duas características de ameaças assimétricas são de particular importância: planejadores da defesa dos EUA atualmente não podem saber precisamente quais as ameaças assimétricas que irão surgir ou provar sua eficácia. A eficácia das ameaças assimétricas diminui mais cedo ou mais tarde à medida que o inimigo se adapta. Maximizando a adaptabilidade e a flexibilidade conceitual e organizacional, as FA dos EUA podem se assegurar que irão combater rapidamente as ameaças assimétricas que surjam e acelerarão o processo que torna as ameaças assimétricas

ineficientes ou insignificantes. A força militar que mais rapidamente desenvolve novos conceitos e organizações tem vantagem decisiva sobre o seu oponente.

O Departamento de Defesa deve institucionalizar meios para manter os processos de adaptação e transformação contínuos e rápidos. Parte da solução envolve uma mudança em atitudes. A inovação e a criatividade devem ser nutridas e valorizadas em todos os níveis, tanto militares quanto civis, do Departamento de Defesa. Iconoclastas e não conformistas não devem guiar as FA. De outra forma, devem ser valorizados, preservados e ouvidos. Experimentos e pesquisas devem focar sobre a adaptabilidade estratégica e operacional. Por exemplo, os experimentos devem criar novos tipos de organizações para lidar com novas formas de ameaças. Na hipótese de uma rede criminosa não estatal se tornar uma ameaça principal à segurança dos EUA, em quanto tempo poderia a nação se preparar para enfrentá-la? Com toda probabilidade, alguns futuros componentes das FA dos EUA deverão adquirir características de rede para combaterem inimigos em rede.

Os experimentos do Departamento de Defesa deveriam focar mais nos desafios assimétricos em potencial. Hoje o inimigo, na maioria dos experimentos das forças singulares e do Departamento de Defesa ou em jogos de guerra, continua a ser um militar tradicional, mecanizado, de um país que invadiu um país vizinho. Jogos de guerra assimétricos devem ser a maior proporção. Jogos de guerra conjuntos devem ser um teste considerável dos programas de transformação e modernização e não um processo de confirmação ou de endosso. No Centro Nacional de Adestramento (*National Training Center*) no Forte Irwin, na Califórnia, o Exército aprendeu o valor da derrota desonrosa nas mãos de um grupo Vermelho (força oponente) altamente preparado. Por algum motivo, o mesmo processo quase nunca se aplica aos jogos de guerra estratégicos. Os líderes dos dois partidos no Congresso e os do Departamento de Defesa devem reconhecer que uma derrota Azul em um jogo de guerra não invalida um programa de transformação ou modernização, mas simplesmente proporciona um meio de ajuste e refinamento.

O processo de focar mais análise e experimentação nos desafios assimétricos seria fortalecido por um enfoque institucional. O Departamento de Defesa deveria financiar um centro para estudar ameaças emergentes que tivesse forte ligação com a comunidade conjunta, os comandos operacionais estratégicos e as FA, mas com independência suficiente para ser criativo e inovador. Esse centro deveria ter ligação com o processo de experimentação conjunta no Comando de Forças Conjuntas dos EUA (*U.S. Joint Forces Command*), o Escritório de Avaliação de Rede do Pentágono (*Pentagon's Office of Net Assessment*), os programas futuros da Agência de Inteligência de Defesa (*Defense Intelligence*

Agency), programas de experimentação das forças armadas, centros de desenvolvimento de conceitos e laboratórios de batalha. Também deveria ter fortes conexões interagenciais e multinacionais.

Em um nível um tanto diferente, as FA norte-americanas deveriam se preparar para desafios assimétricos fazendo da modularidade de unidades e dos sistemas um critério central para o desenvolvimento da força. O critério deve incluir a versatilidade e agilidade. As FA e a comunidade conjunta deveriam experimentar rapidamente os meios para construir organizações específicas às tarefas. A sua experiência em formar forças-tarefas conjuntas deve expandir para explorar de que maneira futuras organizações construiriam laços interagenciais e multinacionais. A modularidade também deveria ser um critério para desenvolver e adquirir sistemas. Futuros sistemas de emprego múltiplo como o helicóptero *Black Hawk* e a viatura sobre rodas de alta mobilidade e finalidades múltiplas (*high-mobility, multipurpose, wheeled vehicle — HMMWV*) poderiam desempenhar uma maior variedade de tarefas e serem reconfigurados de acordo com a missão. Isto daria ao Exército um grau maior de flexibilidade e melhor preparo para os desafios assimétricos. Enquanto sistemas de emprego múltiplo são poucas vezes tão eficientes como os de emprego único, fazem mais sentido em uma era de incerteza estratégica e poderiam servir como base para sistemas de emprego único caso se tornem claras as suas necessidades a longo prazo.

Enfoque na Inteligência. Existe uma conscientização crescente entre as comunidades de defesa e inteligência que os esforços de inteligência estadunidenses precisam ter um enfoque atualizado sobre as ameaças tradicionais. A coleta, análise e disseminação do conhecimento de inteligência deve, cada vez mais, ser feita com a participação interagências para ter o máximo efeito. Outrossim, a inteligência com enfoque sobre ameaças assimétricas deveria fazer melhor uso de fontes abertas — informação disponível ao público.¹² A Revisão Estratégica Conjunta de 1999 sugere que os Estados Unidos deveriam imediatamente fazer uma avaliação holística e multiagências de sua vulnerabilidade às ameaças assimétricas.¹³ A comunidade de inteligência deve ajudar a melhorar a adaptabilidade e a flexibilidade, particularmente por meio do fortalecimento das equipes Vermelhas nos jogos de guerra e na experimentação.

A Revisão Estratégica Conjunta enfatiza a necessidade por melhor inteligência humana (*human intelligence — HUMINT*) para combater as ameaças assimétricas.¹⁴ Novas tecnologias para coletar, avaliar, incorporar e disseminar inteligência também seriam valiosas. Fontes de inteligência humana nem sempre são confiáveis ou estão disponíveis. Para não depender somente das fontes de imagens e da interceptação de sinais, a nanotecnologia

e a robótica poderiam formar sistemas de inteligência que ultrapassassem os antigos sistemas técnicos de coleta de dados e inteligência humana para certas tarefas. A defesa contra as ameaças assimétricas exige novos e ousados métodos de coleta.

Vulnerabilidade mínima. O conceito da Visão Conjunta 2020 de proteção em todas as dimensões se aplica às ameaças assimétricas. Atuais esforços de proteção da força, acrescidos por desenvolvimentos na robótica e nas armas não letais, podem ajudar a combater o terrorismo e outras tentativas de causar baixas e desmoralizar os EUA. A vulnerabilidade mínima também exigiria a flexibilidade ou a não dependência de sistemas suscetíveis

A inovação e a criatividade devem ser nutridas e valorizadas em todos os níveis, tanto militares quanto civis, do Departamento de Defesa. Iconoclastas e não conformistas não devem guiar as FA. De outra forma, devem ser valorizados, preservados e ouvidos. Experimentos e pesquisas devem focar sobre a adaptabilidade estratégica e operacional. Por exemplo, os experimentos devem criar novos tipos de organizações para lidar com novas formas de ameaças.

ao ataque. Fontes únicas de qualquer espécie convidam os ataques assimétricos mas, com alguns sistemas, a redundância pode custar demasiado. Todos os passos razoáveis devem ser tomados para evitar a dependência de um único sistema ou método operacional. Por exemplo, se as FA dos Estados Unidos se tornassem tão dependentes da superioridade em informações que não pudessem funcionar sem elas, os ataques assimétricos contra os sistemas de informação poderiam ser devastadores ou até mesmo decisivos. Mesmo à medida que elas aumentam o seu uso da tecnologia digital, devem manter algumas habilidades nos métodos anteriores que usavam uma tecnologia mais antiga.

Encontrar meios de projetar poder contra um inimigo que emprega uma estratégia de negar acesso e conseguir forças desdobradas sem a existência de bases avançadas seria um passo importante para minimizar a vulnerabilidade. Desde as campanhas dos generais Ulysses S. Grant e William T. Sherman, o “meio americano de fazer guerra” tem exigido quantidades enormes de estoque de material e suprimentos no teatro para obter uma vitória decisiva. Essa estratégia depende da

inabilidade inimiga de atacar com eficiência bases na retaguarda. Mas, caso os inimigos futuros tenham munições dirigidas de precisão, armas de destruição em massa e sistemas de lançamento, santuários no teatro poderão não existir. Até mesmo a superioridade aérea e a defesa do teatro com mísseis poderão ser inadequadas contra um inimigo com armas nucleares, já que não podem assegurar cem por cento de proteção. O futuro militar estadunidense poderá enfrentar uma estratégia de contra desdobramento que usa sabotagem ou munições dirigidas de precisão e mísseis balísticos para atacar bases e áreas de estacionamento nos EUA e no teatro de operações e que ameaçam estados que proporcionam apoio, bases, áreas de estacionamento ou autorizações de sobrevôo para os EUA.

Um inimigo que usa uma estratégia de contra desdobramento poderia ser enfrentado de várias maneiras. Uma delas seria por meio de maior mobilidade dentro do teatro pelo emprego de forças mais leves e de sistemas, tal como o de navios de transporte marítimo de calado raso e alta velocidade. Outra maneira poderia ser a de áreas de reconfiguração de teatro, localizadas em áreas remotas de nações amigas e com pistas de aterrissagem que seriam as únicas partes fixas das bases. Todas as demais necessidades para preparar o equipamento e as tropas para o combate seriam móveis, concentrando apenas antes da chegada de um comboio aéreo e dispersando tão logo fossem descarregados os aviões. O inventário dos suprimentos em uma área de reconfiguração de teatro seria mínimo e o reabastecimento feito apenas quando absolutamente necessário. Também seriam móveis e dispersas as áreas hospitalares e de manutenção.

Áreas de reconfiguração de teatro poderiam ser protegidas por métodos convencionais de camuflagem, dissimulação eletrônica e uma rede de defesa aérea e mísseis guiados a laser, combinando plataformas de fogo terrestre; deveriam possuir plataformas de lançamento para veículos aéreos não tripulados rápidos de desdobrar e com capacidade de permanecer longo período de tempo em ação; e sensores aéreos e outras plataformas para execução do tiro. Sistemas autônomos de sentinela, algo como um robô e uma mina móvel inteligente, poderiam proporcionar a segurança local. O apoio da nação anfitriã seria mínimo para proteger a segurança local. Para dificultar o fogo inimigo, várias áreas de reconfiguração de teatro falsas poderiam ser criadas nos países que o permitissem. Tal jogo de dissimulação poderia ser eficiente e assim complicar tentativas de atingir áreas de reconfiguração de teatro com mísseis.

Precisão em todas as dimensões. As FA dos EUA permanecerão vulneráveis às assimetrias normativas

e políticas. Quanto mais as operações limitarem o dano colateral e chegarem a rápidas soluções, menos importantes serão seus efeitos. Um meio de concretizar isto é pelo uso de maior precisão em todas as dimensões. Um componente é a precisão física — a habilidade de acertar os alvos com enorme precisão de grandes distâncias e com o efeito físico desejado. A precisão física deriva-se da inteligência aprimorada, sistemas de direção e, cada vez mais, da habilidade de ajustar os efeitos das armas. Um determinado fuzil eletromagnético, por exemplo, poderia ser ajustado de não letal a extremamente letal.¹⁵ Mas existe algo mais relativo à precisão do que simplesmente acertar o alvo. Estrategistas e comandantes militares devem também pensar em termos da precisão psicológica — moldar uma operação militar para influir nas atitudes, crenças e percepções do inimigo e de outros observadores, sendo estes últimos não combatentes locais ou audiências globais.

A tecnologia pode ajudar militares do futuro a chegarem a uma maior precisão psicológica. É vital ter uma grande variedade de opções militares — uma capacidade “reostática” assegura que uma operação tenha o desejado efeito psicológico. Isto sugere a necessidade crescente por armas não letais eficazes, particularmente quando o objetivo psicológico é o de demonstrar a futilidade de uma oposição sem ter a necessidade de matar tantos inimigos ou não combatentes. Desta maneira, é possível reduzir a força de vontade do inimigo, embora não se acabe totalmente com ela e, ainda, não causar transtorno na opinião pública. Alguns defensores do emprego de armas não letais chegam a considerá-las como o elemento principal do conflito armado do futuro.¹⁶ Apesar disto ser um possível exagero, tais armas serão de grande importância à precisão psicológica.

Diferentes formas de psico-tecnologia poderão permitir maior precisão psicológica. Concebilmente, a tecnologia poderia dar aos militares a habilidade de alterar as percepções dos alvos, talvez por meio de infligir um intenso temor ou calma. Mas qualquer estado com a capacidade e inclinação para desenvolver semelhante tecnologia deve ter muito cuidado com a possibilidade de violar direitos humanos básicos. Na maioria dos casos, a tecnologia que permite a manipulação psicológica deve ser evitada. Um Estado ou organização sem impedimentos éticos ou legais poderia desenvolver uma variedade de armas psico-tecnológicas. Os Estados Unidos portanto, terão que decidir se sua reação será à altura ou se procurarão outros meios de defesa. O potencial para uma corrida de armas psico-tecnológicas é real.

A tecnologia é apenas parte da precisão psicológica. Boa parte da análise psicológica, particularmente

com referência à ansiedade e ao temor, não se encontra adequadamente integrada ao planejamento militar. Quando a meta é causar medo e ansiedade ou acabar com a força de vontade do inimigo, a operação deve ter fases e desenhos que causem maior impacto psicológico. FA bem-sucedidas devem assegurar que seus estados-maiores operacionais e os que planejam a estratégia sejam psicologicamente astutos, seja por meio da educação para tal ou usando a tecnologia da informação para proporcionar-lhes acesso a psicólogos tradicionais e culturais e a membros de outras culturas. Devem fazer estudos psicológicos das várias culturas a fim de construir bases de dados e modelos que possam ajudar no planejamento operacional.

A segurança nacional integrada. A tecnologia moderna e a globalização mudaram a geografia estratégica. Os Estados Unidos já não podem mais pressupor que o conflito e a guerra ocorrerão apenas longe de seu território continental. Futuros inimigos terão os meios de atacar o continente estadunidense com mísseis, atos de terrorismo e/ou ataques contra as fontes de informação. Os EUA têm que desenvolver uma estratégia e estrutura de segurança nacional robustas e integradas. Muitos dos esforços para a defesa nacional já estão a caminho, particularmente com relação à proteção da infra-estrutura e o papel das FA. Uma importante tarefa futura será a de acabar com as fendas existentes entre as agências envolvidas

na defesa nacional já que estas criam vulnerabilidades que o inimigo pode explorar.

No final das contas, a assimetria negativa pode ser minimizada mas não eliminada. De qualquer forma, os EUA não estão à beira do desastre. As organizações, a tecnologia, estratégia e doutrina militares dos EUA podem já lidar com a maioria das ameaças assimétricas ou serem adaptadas nesse sentido rapidamente. Quanto mais adaptável, flexível e estrategicamente ágil se encontra o militar dos EUA, melhor estará preparado para lidar com a assimetria. A assimetria positiva continuará a proporcionar ao segmento militar dos EUA as vantagens sobre a maioria de seus inimigos. Mesmo assim, o Departamento de Defesa deve continuar a aprimorar seu entendimento dos desafios assimétricos. Uma definição mais geral e completa de assimetria é necessária como fundamento da doutrina e para integrar ao máximo adaptabilidade e flexibilidade, com foco na inteligência, mínima vulnerabilidade, precisão em todas as dimensões e integração da segurança nacional na estratégia da segurança dos EUA. **MR**

Este artigo foi extraído da Military Review, edição em inglês, dos meses de Jul e Ago 2001. Portanto, antes das ações terroristas de 11 de setembro de 2001.—Nota da Editoria Brasileira

REFERÊNCIAS

1. John Foster Dulles, «The Evolution of Foreign Policy,» Boletim do Departamento de Estado, 25 de janeiro de 1962, p. 107-10.
2. *Joint Publication (JP) 1, Joint Warfare of the Armed Forces of the United States* (Washington, DC: US Government Printing Office [GPO], 10 de janeiro de 1995), IV-10 e IV-11.
3. A mesma discussão sobre ações simétricas e assimétricas está incluída no *Joint Doctrine Encyclopedia*, 16 de julho de 1997, pp. 668-670; e JP 3-0, *Doctrine for Joint Operations* (Washington, DC: GPO, 1º de fevereiro de 1995), III-10.
4. O Secretário de Defesa William S. Cohen, *Report of the Quadrennial Defense Review*, maio de 1997, seção II.
5. *Report of the National Defense Panel, "Transforming Defense: National Security in the 21st Century,"* (Washington, DC: dezembro de 1997), p. 11.
6. Durante 1998, com base em um contrato da comunidade de inteligência, a *CENTRA Technologies* realizou um painel *blue ribbon* sobre a guerra assimétrica. Um seminário em dezembro incluiu o Dr. John Hillen, Sr. Richard Kerr, Dr. Steven Metz, o Almirante William Small, o professor Martin van Creveld e o *Lieutenant General* Paul Van Riper. O projeto aparentemente foi abandonado após o seminário.
7. *Joint Vision 2020* (Washington, DC: Department of Defense, Chefe do EM Conjunto [CJCS], 2000), p. 5.
8. *Joint Strategy Review* (Washington, DC: CJCS, 1999), p. 2.
9. Mao Tse-Tung, "On Protracted War," *Selected Works of Mao Tse-Tung*, Vol II (Peking: Foreign Languages Press, 1967), p. 172.
10. *Joint Vision 2020*, p. 5.
11. Para esclarecimento sobre esta idéia ver Steven Metz, *Armed Conflict in the 21st Century: The Information Revolution and Post-Modern Warfare* (Carlisle Barracks, PA: US Army War College, Strategic Studies Institute, 2000), pp. 56-59.
12. Robert D. Steele, "Open Source Intelligence: What Is It? Why Is It Important to the Military?" <www.oss.net/Proceedings/95Vol1/aab0aw.html>; Steele, *On Intelligence: Spies and Secrecy in an Open World* (Fairfax, VA: AFCEA International Press, 2000), pp. 105-26. Steele é um dos pioneiros e o mais ferrenoso advogado da fonte aberta para inteligência.
13. *Joint Strategy Review*, pp. 31-32.
14. *Ibid.*
15. Cientista Chefe do Exército dos EUA A. Michael Andrews entrevistado por Ron Laurenzo, *Defense Week*, 29 de novembro de 1999, p. 6.
16. John B. Alexander, *Future War: Non-Lethal Weapons in Twenty-First Century Warfare* (New York: St. Martin's, 1999).

Steven Metz é professor de pesquisas no National Security Affairs, do Colégio de Guerra do Exército dos EUA, Carlisle Barracks, na Pensilvânia. É bacharel e mestre pela University of South Carolina e Ph.D pela John Hopkins University. Serviu em várias posições de docência no Colégio de Guerra do Exército dos EUA, na ECEME/EUA e em várias universidades. Serviu como conselheiro de organizações e campanhas políticas e em painéis sobre política de segurança nacional. É autor de mais de 80 publicações sobre temas de segurança nacional e um freqüente contribuidor da Military Review desde 1987.